

Entrecartas: ensaiando escritas



TESSERACTUM



Organização: Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias

ENTRECARTAS: Ensaizando escritas

Organização:

Grupo de Pesquisa PERFORMATIVIDADES E PEDAGOGIAS
(UNESP-CNPq)



TESSERACTUM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Entrecartas ensaiando escritas / organização
Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedago-
gias. -- São Paulo : Tesseractum
Editorial, 2024. ePub
Vários autores.
ISBN 978-65-89867-80-7

1. Cartas 2. Ensaios brasileiros 3. Filosofia
4. Literatura brasileira I. Grupo de Pesquisa
Performatividades e Pedagogias.
24-196854 CDD-B869.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Cartas : Literatura brasileira B869.6
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Coordenação Editorial: Equipe Tesseractum Editorial

Diagramação: Equipe Tesseractum Editorial

Revisão: Luciano Ferreira de Souza

Imagem da Capa: Renatha Dumont

Arte final da Capa: Tammy Guerreiro

Primeira Edição, São Paulo, março de 2024 © Tesseractum Editorial Site da
Editora: www.tesseractumeditorial.com.br

Nenhuma parte dessa publicação, incluindo o desenho de capa pode ser re-
produzida, armazenada, transmitida ou difundida, de maneira alguma nem
por nenhum meio sem a prévia autorização do autor. A violação dos direitos
autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com
pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101
a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

CONSELHO EDITORIAL

ANA MARIA HADDAD BAPTISTA, MÁRCIA FUSARO , FLAVIA
IUSPA, ABREU PAXE, MÔNICA DE ÁVILA TODARO

APOIADORES:



GRUPO DE PESQUISA Artes Tecnológicas Aplicadas à Educação
(CNPq-UNINOVE)

SUMÁRIO

O NÚMERO

EXISTIRIA

diverso da alucinação esparsa da agonia

COMEÇARIA E CESSARIA

surdindo assim negado e ocluso quando aparente
enfim

por alguma profusão expandida em raridade

CIFRAR-SE-IA

evidência da soma por pouco una

ILUMINARIA

O ACASO

UMA CONSTELAÇÃO

fria de olvido e dessuetude

não tanto

que não enumere

sobre alguma superfície vacante e superior

o choque sucessivo

sideralmente

de um cálculo total em formação

vigiando

duvidando

rolando

brilhando e meditando

antes de se deter
em algum ponto último que o sagre

Todo Pensamento emite um Lance de Dados

(Fragmentos do poema *Um lance de dados jamais abolirá o acaso*, de Stéphane Mallarmé,
em tradução de Haroldo de Campos)

O que os leitores, as leitoras e os leitores irão encontrar nesta publicação? Vinte Cartas de pesquisadores e pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias CNPq junto com Cartas de pesquisadores parceiros e parceiras.

PREFÁCIO.....21

ESCREVER PARA QUÊ? PARA QUEM?.....33

CARTA A EDUARDO GALEANO.....49

A intimidade entre remetente e destinatário é algo que se evidencia na *Carta para Eduardo Galeano: Sobre a maldade de não saber quem sou*. Carminda Mendes André demonstra um carinho e companheirismo, que são frutos do grande convívio com a obra do autor uruguaio. Ao convidar Galeano para um passeio peripatético, ela convida também a nós, a acompanhar essa viagem de autoconhecimento e amizade. Logo no início de nossa caminhada, encontramos com Ailton Krenak e de repente, pela figura do Watu, é como se a Rambla montevideana se abrisse a novos rios, agora brasileiros, em uma vazante de histórias. Histórias duras, que resgatam em nossa memória figuras e passagens tenebrosas, que fazem parte da trajetória contrastante do nosso país. Mas que também apresentam a esperança do renascimento e a necessidade de refundarmos esse Brasil. Trazem o amargor de um café forte, mas que é adoçado com uma escrita afetuosa, saborosa como um legítimo *dulce de leche*. Desse modo, então, que Carminda evoca Galeano, como quem amigavelmente cobra sua ausência. Como que pedindo a ele um conselho, uma força, um abraço.

CARTA A GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ..... 61

Que bela declaração de amor literário Ana Haddad dirige ao inesquecível Gabriel García Márquez! Certamente inspirada por Mnemósine, deusa da memória e suas filhas, as Musas, Ana nos aproxima com afeto da obra de Márquez. Instiga-nos a querer (re)lê-la por meio de um sensível diálogo epistolar com o autor. Percorrendo suas próprias memórias, relembra obras, entrevistas e a autobiografia do Nobel de Literatura, saudando com leveza ensaística uma possível chegada de Gabo ao Olimpo, mas também considerando a triste condição da perda da memória do autor ao final da vida.

CARTA A ECLÉA BOSI..... 69

Em sua carta, Caio Franzolin escreve para sua estrela guia Ecléa Bosi, como que passeando ao seu lado por uma São Paulo de ontem e de hoje a ensaiar noções de memória, tempo e espaço. Constrói e reconstrói um tecido de afeto entre sua memória e da autora na busca de um alerta para a dimensão humana perdida nos grandes centros urbanos, nos apresentando uma bela aquarela-ensaio sobre memória social.

CARTA A GASTON BACHELARD 77

Neste tocante texto, Danielle Santana conta ao pensador Gaston Bachelard perseguições políticas sofridas por ela e o Grupo de Teatro Contadores de Mentiras. Sob o signo da casa, tão bem refletida pelo fenomenólogo, casa como lugar de pertencimento, identidade e descanso. A autora narra a saga trágica em que foram expostos pelo poder público municipal da cidade de Suzano (Estado de São Paulo) trazendo para o

texto também Clarice Lispector que associa o ato da liberdade à reação do aprisionamento por aqueles que carregam as armas da intimidação. Assim, sob a metáfora dos dois despejos, mostra-nos, com um olhar político, o lugar destinado àqueles que ousam libertar-se neste país das contradições: tornarem-se refugiados dentro de seu próprio país.

CARTA A JOTA MOMBAÇA 95

A quem possa interessar:

A carta/ensaio/manifesto/performance, contida nesse livro, escrita por Rodrigo Abreu, que se apresenta como uma bixa suburbana do Méier, ativista, arte educadora, performer, mestiça, macumbeira, do signo de escorpião com lua em touro, endereçada a também artista performer e ativista Jota Mombaça pode trazer a leitora ou leitor, transformações irreversíveis. Essa carta faz parte do *hackeamento* proposto por Rodrigo, às estruturas embrutecidas e aos corações fechados da nossa sociedade. Portanto cuidado, ela pode lhe causar uma transformação radical.

CARTA A CHARLES FOURIER 103

Em “Carta a Charles Fourier” o leitor poderá encontrar o encontro entre dois *filósofos menores*, gente que não se rende aos pensamentos hegemônicos tradicionalistas, gente que resiste à unificação dos indivíduos, gente que pensar e nos faz pensar por meio de utopias. Silvio Gallo é um verdadeiro buscador de vestígios filosóficos que nos faz esperar. Para quem segue os rastros deste pensador, poderá se deparar em suas pesquisas sobre o Anarquismo as idealizadas organizações comunitárias, enfatizando a educação da infância e juventude, para o bem viver coletivo. E, ao ler a Carta dedicada a Fourier, o idea-

lizador dos Falanstérios (uma organização comunitária focada em uma antropologia dos sentimentos), percebemos a obstinação deste filósofo brasileiro para com sua comunidade, “perseguindo o sonho de um mundo melhor”, “produzindo esperança naqueles que lutam contra a sociedade corrompida” como ele mesmo escreve para seu destinatário. Sua Carta é um objeto de arte. Como um Andarilho, nosso pensador recolhe sucatas deixadas às margens da estrada da filosofia e, como um Artista Dadá, produz *ready mades* filosóficos. Sempre nos lembrando de que o determinismo é uma ideia, e não uma verdade fechada.

CARTA A ESPERANÇA GARCIA 119

Se buscarmos no dicionário o significado da palavra “esperança” encontramos definições que se relacionam com o desejo – desejo de ter, desejo de conquistar. Em “Uma Carta à Esperança”, Fernanda de Andrade Santos nos apresenta a Esperança com letra maiúscula, uma esperança de carne, osso e luta, uma esperança-mulher, que ousou, em seu tempo, não esperar. Destinada à Esperança Garcia, mulher negra escravizada, considerada a primeira advogada do Brasil, a carta promove um diálogo com o leitor. A remetente apresenta um texto com lacunas para serem preenchidas por quem lê, alguns parágrafos são lidos com a pressa de quem não pode esperar, outros são lidos lentamente, degustando cada palavra, com a paciência de quem não se prende ao tempo. Nesta carta, o tempo não é cronológico, ora estamos em 1751, ora em 2023, por vezes somos uma linha solta que dança, sem amarras, na história do Brasil. “Uma Carta à Esperança” é um convite: Aceita?

CARTA A CAIO FERNANDO ABREU.....135

Daniel Viana em sua Carta nos leva a passear pelos rastros de um amor confesso por Caio Fernando Abreu; passeia livremente por inúmeros fragmentos e nos apresenta trechos pontuais sobre sua vida e obra, até nos aguçar com o desejo de mergulharmos em seus escritos. Entre memórias e afetos, é lindo como Daniel se desnuda em palavras, ensaiando o escrever pelos rastros do mestre. O leitor poderá se deparar, neste texto, com um poema confessional de um amor em construção. Um manifesto sobre afetividade e dor, que diz de seus amores familiares, passando pelas pegadas do Caio e revelando fatos da história política do país, de forma extremamente poética. Duas mariposas que revelam e buscam a cura da tristeza do mundo.

CARTA A VILÉM FLUSSER 149

Você está prestes a ler o tempo e o espaço na distorção da palavra escrita e pensada por detrás das ideias. Um não texto sobre as coisas ou sobre nós, nem mesmo sobre o ambiente. É no “entre” que esta textura de letras se forma, dando contorno confortável pela palavra dita com sinceridade e simplicidade sobre o que é complexo, sobre uma pessoa que usava dois óculos, sobre o que e como Vilém Flusser olhava para as relações entre os aparelhos, as imagens técnicas e os possíveis desdobramentos que a conectividade com o digital nos mobiliza. Neste texto, o tempo e o espaço são testados pela poética da escrita e na dimensão da tecnologia, provoca e evoca a memória como materialidade dialógica e repousa sobre a dimensão do sujeito e das redes, dimensionados como nós de possibilidades relacionais. Assim, as palavras brincam serpenteadamente entre o virtual e o real.

CARTA A JAIDER ESBELL185

Na carta a Jaider Esbell, o autor Oswaldo Pinheiro compartilha uma reflexão pessoal de sua busca e encontros por sua origem Pyndorama por meio do encontro afetivo com o artista macuxi Jaider Esbell. Nas obras e nos conceitos discutidos pelo artista, o autor se reconfigura como um corpo ativo na consciência pela liberdade existencial dos povos indígenas e da própria terra. Tristeza, amor, solidão, luta e resistência se emaranham a um enredo que envolve fortemente o leitor e o leva pelas mãos a caminhar por rumos que o faz refletir sobre a validação cultural e identitária dos povos, podendo, num esforço maior, chegar à própria análise de existência: afinal, que papel ocupa cada um de nós nesse tabuleiro aparentemente desordenado da vida? Fica a pergunta para a resposta que em breve construirá: ótima leitura!

CARTA A VIRGINIA WOOLF197

Em sua carta, Karine nos apresenta reflexões acerca das dificuldades de uma escrita acadêmica sobre conexões entre artes e educação, em uma conversa molhada com a escritora, ensaísta e editora Virginia Woolf (1882-1941). Inspirada pelo fluxo de palavras e emoções em jorro que Virginia nos ofertou em *As ondas*, Karyne nos conduz a um devaneio literário, evocando paisagens e sensações de 20 anos de memórias de sua trajetória como artista, pesquisadora e professora. A carta, que segundo a autora não serve para nada, é justamente por isso uma potência vulnerável e sensorial, um monólogo interior que se pretende uma despedida de Virginia. Despedir-se da confusão líquida das águas enfeitiçadas de Virginia, para deslocar seus desejos e desconfortos rumo à invenção de uma beira, onde educação formal aprende com arte a ser potência transformadora de vidas. É assim uma carta sobre a

árdua tarefa de transformar experiências artísticas e educacionais em escrita acadêmica, sem que com isso algo essencial e inerente a experiências dessa natureza se afogue na formalização das palavras.

CARTA A JOÃO DAS NEVES207

Na conversa que propõe ter com seu amigo João das Neves (que não gostava de ser chamado de professor), Dudu Oliveira nos ajuda a pensar o que faz de alguém um professor de teatro... Ainda que não se passem no âmbito da formação artística formal, os modos como João das Neves habitava os mundos das artes são apontados por Dudu como potencialidades educativas, importantes a uma formação em arte que prioriza a experiência realmente viva do fazer artístico.

CARTA A BYUNG-CHUL HAN215

Revisitando os livros de Byung-Chul Han, Luiza Helena Christov apresenta quatro imagens-histórias que nos convidam a conversar sobre os mundos em que vivemos. A primeira é permeada pelas palavras desempenho, liberdade e fracasso; a segunda tematiza a negação da dor e a imposição da felicidade; a terceira aponta os rituais como experiências de coletivização, necessários à não expulsão do outro; e a quarta fala do belo como experiência de vinculação. Por meio dessas quatro imagens-história, Luiza nos instiga a conhecer a obra do autor e a pensar com ele e com ela os modos como temos habitado nossos tempos, sobretudo em face dos imperativos das redes sociais.

CARTA A PAULO RÓNAI233

Na carta a Paulo Rónai, a autora nos apresenta o pensador húngaro que encontrou refúgio no Brasil na época do nazismo. E, com toda a descrição, fez questão de trabalhar para nossa literatura, prestigiando-a, traduzindo-a para o mundo, tecendo fios da amizade com autores que nos são muito caros. Por Márcia Fusaro, também uma apaixonada pelas letras, temos acesso a um personagem de nossa história, que, apesar de prestigiado entre os escritores e intelectuais da área, é pouco conhecido pelo grande público leitor. Dentre as várias atividades, Paulo foi tradutor. Que difícil o ofício de um tradutor diria Jorge Luís Borges! E o que dizer do trabalho de um estrangeiro que se arvora a traduzir Guimarães Rosa?!

CARTA A AUGUSTO BOAL241

Como tem boniteza uma carta ser endereçada para uma pessoa pela qual o destinatário tem grande admiração. É justamente essa sensação que temos ao ler as vigorosas e sutis linhas que Fernando Catelan escreve para o grande Augusto Boal. Um educador-artista em diálogo franco com o artista-educador, criador do Teatro do Oprimido, ambos seres políticos com consciência de seu papel no mundo, implicados no olhar crítico e na justiça social que partem do teatro para ganhar salas de aula, escolas, comunidades, cidades, países e que compartilham da ideia de que todo o teatro é político. Os tempos em que cada um existe encontram conexão em acontecimentos vividos e reflexões que Fernando oferece para Boal e que somos presenteados.

CARTA A JORGE LARROSA251

Cris nos encanta com uma carta de aluno/professor. Ao ler suas palavras, temos a oportunidade de aprender como os excessos das “palabritas” de Jorge Larrosa lhe atravessaram e ajudaram a construir um caminho de desvio da norma institucionalizada do ofício de ser professor. Narra seu encontro com a Educação (com “E” de Experiência) e as proximidades com a Arte, entendendo ambas como campos de conhecimento e constrói um exercício de pensamento que inventa um *entrecampos*. Lemos um sujeito encantado com suas memórias e com o caminho que o fez professor ao tecer perguntas e respostas sobre o que aconteceu e acontece na escola.

CARTA A MICHEL FOUCAULT265

A escrita de Elder é um bordado, cada enfiado de linha um dedo de prosa, momentos com Foucault e outros do contar-se pessoa professor/ator/escritor, cuidar de si e de outro/as, memórias das relações *entrecorpos*. Aborda o corpo no pós-doutorado e a poda necessária de suas arestas, mareado diante das tórridas tempestades dos últimos anos. Uma narrativa poética do vazio que nos aperta quando o último da trama apaga a lâmpada e nos restamos no monólogo de si com as nossas resistências. Aqui se rompe as obediências e traz para o espaço do debate o que incomoda ser ouvido, o que cheira desagradável aos olfatos domesticados aos carvalhos, pratica com esmero a Parresia, és corajoso e circular nas relações de si com o mundo em volta e em suas entranhas.

CARTA AO PATRONO PAULO FREIRE277

Em Carta ao *patrono Paulo Freire*, Eneila Santos escreve um presente, em amplo sentido do termo. Presenteia Paulo Freire, o leitor e a si mesma. O presente que dá à Paulo Freire é a troca sensível, a retribuição por suas palavras que segundo ela “as consumi sem nada dar em troca”, é um presente, mas poderia ser uma reparação. O presente que dá ao leitor é da ordem do poético, do sensível, o leitor pode encontrar uma invenção de Paulo Freire, o de Eneila, o de seus sonhos, o de seus desejos de “mostrar os sabores exóticos da Amazônia”, “de sentar-se numa espreguiçadeira sobre a sombra da mangueira” numa conversa livre, como as conversas entre amigos. O presente que Eneila dá a si é sua redenção, sua coragem em escrever a carta “guardada por 26 anos”, consagrada à sua voz de mulher amazonense que se revela pensadora e amiga de Paulo Freire, se assume diante do leitor, esse é seu presente para si. Mas há também o outro presente que trata sua carta, da ordem do agora. Eneila atualiza Paulo Freire do mundo de seus sonhos num agora, o torna presente ao passar por suas obras não com didatismo panorâmico, mas com um navegar poético. Ela é a barqueira que nos conduz por um rio vivo, amplo e largo, chamado Paulo Freire.

CARTA A JACQUES LECOQ283

Cida Almeida escreve ao seu mestre, que lhe ensina diversas máscaras e muitos corpos. É com admiração e respeito conquistado que Cida se atreve a escrever a Jacques Leccoq, com palavras transbordantes, como as ondas do mar, em um movimento pulsante de vida, que se lança na busca de compreender as histórias de duas vidas que se encontram em uma encruzilhada, não pelo destino, mas pela paixão de um palhaço francês e uma palhaça brasileira pelo teatro. É um canto

de trabalho, é um canto de uma vida, é a vida que se confunde com o trabalho, é o trabalho de uma, de duas vidas. É mais que a Arte de Palhaçar, é uma escrita que se entrega por inteiro, de corpo, de ossos, de sangue, de nervos, de músculos, de órgãos e pele. Cida nos apresenta e se apresenta diante dos nossos olhares, com cada gesto de palavra, e nos leva com ela ao mar, ao trabalho, ao bem-querer, e com a esperança de voltar, para de novo ir ao encontro das águas, que unem Cida Almeida e Jacques Lecoq para um eterno *rejeu*.

CARTA A SY CIDA (MÃINHA CIDA).....293

Casé Angatu escreve à sua mestra Sy Cida. Como uma árvore sementeira, Sy Cida plantou em seu “filho Casé” os valores éticos da coletividade, a espiritualidade dos encantamentos, os modos de fazer da vida indígena. E como um coletor atento, o indígena, o professor universitário, o militante das causas do povo Tupinambá de Olivença, na Bahia, Casé oferece as sementes de Sy Cida a quem puder e quiser lhe dar atenção. Entre a narração de valores recebidos da floresta pelas mãos e voz de Sy Cida e poemas autorais, a Carta é um convite ao recomeço, um convite ao escutar da cultura da oralidade antes de se transformar em grafia. É um convite ao poetizar a vida.

Recado às leitoras e aos leitores:

Depois de muito pelejar para encontrar uma coerência para a sequência das Cartas (temas, ordem alfabética dos remetentes, ordem alfabética dos destinatários, aproximações filosóficas entre os conteúdos das Cartas, resolvemos que essa é uma Coletânea, e, por isso, não segue uma lógica sequencial. Assim, para dar mais forma a essa ideia do

grupo, resolvemos nos valer do dado-do-acaso de Marcel Duchamp. O sorteio foi divertido e nos ofereceu esta sequência. Bem, o que queremos dizer a vocês: que leiam na ordem que desejarem!

REMETENTE

Fernando Bueno Catelan

Foi uma criança que, quando perguntado sobre o que seria quando crescesse, respondeu que queria ser palhaço. Os anos passaram e a vida o levou para o mundo das artes. Aos 10 anos, já fazia teatro de bonecos e apresentava-se em todas as creches de sua cidade, indo sozinho com uma sacola cheia de seus bonecos, sentado no banco detrás de uma Kombi com muitos outros lugares vazios. Dizem que quando o bichinho do teatro te pega, não tem mais o que fazer. E foi assim com ele. Participou de diversos grupos amadores e começou a ensinar tudo o que tinha aprendido sobre teatro a um grupo de jovens de uma igreja, a convite de seu primo. Então, não parou mais. Ser professor de teatro era algo que parecia não ter tido um início, mas uma continuação, algo que parecia vir de antes. Já mais velho, estudou Artes Cênicas no curso de Licenciatura e Bacharel em Direção Teatral da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Retomou seu caminhar como professor de teatro, mas agora na educação básica, no componente curricular arte, o que o levou a cursar o mestrado e o doutorado no Instituto de Arte da Unesp, na área de Arte e Educação, sob a orientação de sua mestra emancipadora Carmina Mendes André.

DESTINATÁRIO

Augusto Pinto Boal

O filho do padeiro, era filho de pai e mãe portugueses que vieram tentar a vida no Brasil. Aos nove anos, dirigia peças familiares com seus irmãos. Aos dezoito anos, entrou na Escola Nacional de Química, no Rio de Janeiro, onde se formou em Química Industrial. Aos 21, vai aos Estados Unidos da América do Norte estudar Engenharia Química e aproveita para fazer um curso de Dramaturgia na *School of Dramatic Arts*, na *Columbia University*, em Nova York, onde também faria sua especialização. Aos 25 anos, é convidado a fazer parte do Teatro Arena de São Paulo, onde começa a fazer peças sobre a realidade brasileira. Após o golpe de 1964, engaja-se em fazer um teatro contra o regime militar e, em 1968, com o AI-5, sai do Brasil em excursão com o Arena por diversos países. Em 1971, de volta ao Brasil, é preso e torturado e se exila na Argentina. Em 1973, participa de um projeto de alfabetização coordenado pelo também exilado Paulo Freire. E é nesse momento que tem contato com a Pedagogia do Oprimido e começa sua busca em pensar o Teatro do Oprimido. Ao longo dos próximos anos experimenta diversos formatos de Teatro do Oprimido: Teatro Fórum, Teatro Jornal, Teatro Imagem, Teatro Invisível e o Arco-íris do desejo. Em 1979, visita o Brasil, já diante de uma reabertura democrática. Em 1989, surge o Centro do Teatro do Oprimido (CTO). No ano de 1993, elege-se vereador do Rio de Janeiro pelo Partido dos Trabalhadores (PT), onde começa a desenvolver o teatro legislativo. Ao longo de sua vida, publicou 22 livros, traduzidos em diversas línguas, e no ano de 2009 veio a falecer, deixando um legado impressionante para o teatro brasileiro e mundial.

15.

CARTA A AUGUSTO BOAL

São Bernardo do Campo, 29 de maio de 2023.

Meu caro amigo e companheiro Boal,

Permita-me tratá-lo como amigo e companheiro. Desde que Chico e Francis lhe enviaram aquela fita/carta, você se tornou amigo de muitos no Brasil. E é o meu caso, meu caro amigo e companheiro Boal. Digo companheiro, porque me coloco ao seu lado, junto a todas e todos que ficaram e continuam do lado da história contra as mazelas deste mundo. E amigo, porque você tem sido nos últimos anos a minha maior companhia. Estou às voltas com seus textos e buscando aprender com companheiros seus que continuam deixando seu trabalho vivo e potente aqui na terra.

Há tempos que quero lhe falar. Sei que muitas das minhas conversas contigo são, em grande parte, monólogos ou reverberações suas dentro de mim. Mas, o fato é que, se pudesse ter uma conversa contigo, muitas das minhas angústias se dissipariam. Não são angústias existenciais necessárias para se chegar ao desejo, mas são angústias essenciais para compreender sua obra.

São apenas duas frases que me provocam a pensar e revolucionam a maneira de ver as relações humanas: uma no seu primeiro livro sobre o teatro do oprimido; a outra no seu último livro sobre a estética do oprimido. Elas são afirmações muito fortes e de

antemão digo que concordo contigo, não por compreendê-las totalmente, mas por concordar de imediato com a visão de mundo que carrega nessas palavras.

Tenho me sentido um bobo em concordar contigo, talvez por não ter entendido bem o que você queria dizer, ou exatamente pelo contrário, por ter entendido completamente o que você disse. Em ambos os casos, sei que essa angústia é muito fruto do que o Lula diz a todo momento, da maneira como o Brasil se comporta perante os outros países, com um certo complexo de vira-lata. Ouço com muitos ruídos o discurso acadêmico de decolonialidade, descolonial, anticolonialista, mas quando se trata de dar valor a um pensamento como o teu, tudo é relativizado: "afinal é apenas um brasileiro Boal que teve sua ideia sobre teatro", e por ser brasileiro, entende-se que não deve, ou não pode ser bom, muito menos grandioso, afinal, quem é ele para estar se achando? Ele é apenas um brasileiro como nós, um vira-lata.

Eu sei bem desse sentimento, pois compartilhei dele por um bom tempo. Esse nosso jeitinho de ser amável com todos e todas, mas até o limite de não gostarmos de quem está na nossa casa “se achando”, exatamente porque essas pessoas reafirmam o quanto nós nos sentimos como pessoas inferiores. Assim, quem se banca é menosprezado, para não mostrar o quanto os outros é que se colocam no lugar de indignos, inferiores diante da coroa colonial.

Recordo-me como me senti diante de uma fala tua, no único dia em que nos encontramos pessoalmente. Dito desta maneira, parece que nos encontramos para tomar um café, o que teria sido um prazer, mas nosso encontro foi eu sentado na plateia do cine Vila Rica, em Ouro Preto, na época em que fazia faculdade de Artes Cênicas. Era a primeira vez que te via ao vivo na minha frente, em uma aula/palestra. Eu estava muito empolgado e confesso que fiquei impactado com sua presença. É um sentimento muito vago, mas você me causou uma

admiração, uma paixão. Acho difícil qualquer pessoa que tenha tido contato contigo não ter sido afetada pela tua presença. Ela me passou a sensação de que você era muitos ou que sabia muito bem o que representa teu trabalho. Não era algo que era teu, mas que era importante para muitos. Ou seja, não era sobre você, mas sobre muitos, através da sua vida.

Voltando ao que senti (e tomado pelo complexo de vira-lata), lembro-me das histórias que contou sobre como o Teatro do Oprimido era visto no mundo e de como você era mais solicitado para trabalhar fora do Brasil do que aqui. Nesse momento, pensei: “isso é lorota, ele está vendendo seu peixe”, porque o vira-lata que habitava em mim não podia aceitar que um brasileiro fosse tão respeitado no mundo por seu trabalho com teatro. E quem era ele para estar se comparando? Você não se comparou a ninguém, mas eu, na minha cabeça, pensava: “A proposta de teatro do Boal não podia ser tão grandiosa se comparada aos trabalhos do russo Stanislavski, do alemão Bertolt Brecht ou do polonês Grotowski. Ele tá se achando”. Sim, você estava “se achando”, e eu estava perdido na minha ignorância de vira-lata.

E até hoje acho que a todo trabalho que você desenvolveu (e que continua a ser desenvolvido por quem continua sua pesquisa), não é dado o devido valor. Seja por ser algo de um brasileiro, ou exatamente pelo objetivo fim de seu trabalho, que era lutar contra as opressões. Como esse não seria um objeto tão puro e nobre para a senhora imaculada arte, que tem que cuidar dos seus filhos e filhas mais sinceros de coração igualmente puros e nobres, não se pode dar espaço para uma proposta que pensa nos mais pobres, escancara a tomada da palavra e da ação para eles, tirando do artista todo seu lugar no altar ao lado da senhora imaculada.

Meu caro amigo Boal, a coisa aqui tá feia. Aqui na terra, continua o racismo no futebol, o machismo no samba, no choro e no rock’n’roll.

Mas há resistências, e em alguns dias bate sol e, em outros, ainda chove.

Voltando às minhas angústias. São questionamentos que preciso fazer para mim, pois concordo plenamente contigo, mas ao fazer isso, sinto-me obrigado, por minhas convicções, a tentar entender o máximo que posso de tudo que compreendo do que foi dito.

A primeira é causada pela frase que abre seu primeiro livro, *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*, onde se lê: “Todo teatro é necessariamente político”. Da minha parte, essa afirmação vai ao encontro do que também penso. Não me lembro se entendia o teatro assim antes de te conhecer ou se foi você quem me abriu essa possibilidade de entender todo teatro como político. Na minha cabeça, a obviedade dessa frase é gritante, pois tenho para mim, como você próprio diz, que todas as relações humanas são políticas, e por que só o teatro não seria?

Eu compreendo a política como a relação que estabelecemos ao nos manifestarmos aos outros, e isso é bastante amplo. Não sei se você teve a oportunidade de acompanhar esta discussão, mas os movimentos LGBTQIAPN+ e os movimentos negros têm defendido que os corpos e as *corpas* são manifestações políticas, pois as relações que as pessoas estabelecem com esses corpos e corpas passam pela leitura ideológica que a sociedade e os indivíduos sociais têm desses corpos e *corpas*. Uma pessoa negra não precisa fazer uso da fala para que racistas se manifestem, com falas e/ou ações, sobre suas ideologias construídas historicamente; igualmente, uma pessoa LGBTQIAPN+ ao manifestar sua identidade de gênero ou sua sexualidade, também provocará leituras preconceituosas ou não, apenas pelo fato de ser quem se é.

Estes dias, estava reassistindo à sua participação no *Programa do Jô*, e chamou muito a atenção a história que você contou de como surgiu o Teatro Fórum. Tudo começou quando uma mulher, no Peru, te

procurou para pedir ajuda, e ela disse que o problema dela não era político e, portanto, a história dela não podia ser encenada. Sua resposta foi dizer que “*tudo era político, se acontece na cidade, é político*”. A mulher insistiu que, no caso dela, não, pois não acontecia na cidade, mas se tratava de sua relação com o marido em casa e na cama. E você respondeu que a cama era o melhor lugar para ver a política da pessoa, pois é ali que ela se manifesta.

Essa sua resposta é, para mim, a mais perfeita tradução do que você entendia por política. De que política são as mais variadas formas de manifestações que acontecem nas relações. Por isso, você e também Paulo Freire diziam ser impossível a neutralidade política, pois até mesmo o silêncio e a inação são uma forma de manifestar o que se pensa, exatamente por ser uma escolha. Na arte, que é seu campo de atuação, e na educação, campo de atuação de Freire, existem muitas resistências em associar as relações artísticas e pedagógicas à política. Acredito eu que possa ser por uma visão da política como algo apenas ligado às decisões para o funcionamento da cidade, ou seja, da ideia grega de que a política estava restrita à pólis.

Para mim, seu livro *O arco-íris do desejo* é exatamente a expressão máxima do que você entende por política. Digo isso porque, por muitos anos, não conseguia entender a relação que existia entre o *Teatro do Oprimido*, que é escancaradamente político, e o psicodrama, que, na minha visão, tratava de questões psicológicas que não se relacionavam com a política. Porém, mudei de ideia quando entendi o que você mesmo diz no livro, sobre *O Tira na Cabeça*: são essas opressões internalizadas que policiam nossos desejos e nos impedem de agir. Ao serem retiradas da cabeça, permitem manifestar o que se pensa e dialogar sobre isso.

Minha resistência estava em olhar para as questões psicológicas como algo oposto ao materialismo. Nesse livro, você nos apresenta

que as opressões internas são exatamente causadas pelas relações sociais. Sendo assim, não é algo subjetivo, mas apenas um “tira” que entrou na cabeça, de fora para dentro, que nos oprime, tentando esconder o real problema que causou esses problemas psicológicos.

Não sei se você já percebeu, pelas minhas palavras, que sou um trabalhador da educação. Sou professor de arte e estou na Educação de Jovens e Adultos, lidando com esse “tira na cabeça” o tempo todo. O que acontece, na maioria dos casos, é essa opressão internalizada. Muitos dizem que pararam de estudar porque eram “burros” e que escolheram parar porque eram “vagabundos”. Ou seja, eles tomam para si a “culpa” de não terem estudado antes, mas quando vamos para as histórias de vida, vemos que muitos pararam de estudar, porque a escola era de difícil acesso ou hostil a eles e elas. Pais, mães, irmãos, irmãs, tios, tias, avôs e avós apresentavam necessidades familiares que requisitavam sua ajuda nas tarefas domésticas ou financeiras, e muitos tiveram que começar a trabalhar cedo para ganhar dinheiro, isso sem falar nos casos de abandono.

Assim, a falta de condições para garantir suas presenças em um ambiente escolar são colocadas de lado, minimizadas por uma opressão social que diz que não estuda quem não quer, e isso os(as) leva a pensar que são inferiores. Pesquisei no Mestrado exatamente essa questão: como a improvisação teatral poderia ajudar os educandos e educandas a refletirem sobre suas próprias histórias, desfazendo essa ideia de “ser menos”, mas de que todos e todas têm a vocação de “ser mais”, como nos ensina Paulo Freire.

Por esses dias, escrevi para uma revista e disse que mesmo quem escolhe viver isolado de outras pessoas precisará fazer escolhas políticas sobre como se relaciona com o ambiente que o cerca. Se estiverem uma floresta, por exemplo, precisa decidir se vai matar animais para se alimentar, se sua comida será o que a natureza lhe der, ou se vai

plantar seu próprio alimento. A Bela Gil, filha do Gilberto Gil, defende que *“comer é um ato político”*. Portanto, mesmo isolado, precisará escolher se suas ações irão ou não impactar o meio ambiente, que não se restringe apenas a ele.

Não sei se está me entendendo, do que entendi que você disse. E é aí que reside minha angústia. Eu entendo a política de modo amplo, que está nas escolhas e como manifestamos essas escolhas que afetam as relações. Se são internas ou externas, não importa; se afetam a vida de outros, é política. Como poderíamos viver sem afetar outras pessoas? Na minha visão, não seria possível, porque até a escolha de se ausentar afetaria as pessoas que nutrem algum sentimento por nós. É complexo, e por isso o que parece simples não é, como: *“Todo teatro é necessariamente político”*. Será simples se concordarmos, mas será complexo se discordarmos do que vem a ser política e do que vem a ser teatro. Nesses casos, não há consenso, e, como disse Jacques Rancière, *“o dissenso é próprio da política”*, assim até nisso estamos exercendo a política.

A outra angústia deriva de uma frase reformulada e apresentada no seu último livro, *A Estética do Oprimido*, lançado em 2009, que, infelizmente, você não teve a oportunidade de ver publicado. Não se preocupe, o livro ficou ótimo e tem sido muito utilizado por pessoas que estudam e acreditam em sua contribuição para o teatro mundial. Nele, você diz que antes pensava que *“ser humano é ser teatro”*, mas que deveria ampliar essa ideia e afirmar que *“ser humano é ser artista”*.

E como disse antes, concordo com sua afirmação, e em alguns momentos a compartilhei entre pessoas das artes. Sim, uma simples frase causa muita discussão. Porque não é só dito que todas e todos são artistas. Também é dito que arte não é algo tão sagrado, presente apenas no altar da senhora imaculada arte, destinado apenas para seus devotos mais geniais.

Essa frase não só me angustia, mas a todas e todos que fazem arte e veem seu “dom divino” ser menosprezado e compartilhado com qualquer outro reles mortal. É óbvio que nossas angústias são por motivos distintos, mas você consegue abalar as estruturas da hierarquia das artes, com duas simples frases.

Fui questionado por diversas vezes que, se todos e todas são artistas, o que é arte? Obviamente, não sei responder a essa questão, não porque não tenho uma ideia do que seja arte para mim, mas porque é uma armadilha. Em cada cabeça há uma definição do que vem a ser arte, e esta será uma discussão sem fim. Eu apenas ouço e compreendo as posições.

Talvez o desconhecimento de seu trabalho possa gerar todo esse incômodo. Tenho para mim, e gostaria que pudesse me corrigir se eu estiver errado, que o uso das artes, nesse momento em que vivemos, e já há algum tempo, tem sido utilizado como forma de poder. Você mesmo diz que, quem controla os meios de produção da arte, domina.

O que você afirma é que o pensamento sensível deve ser usado pelos que são oprimidos, e que só assim a arte será democratizada e romperá com a opressão. Então, não se trata de menosprezar a arte, é óbvio, porque senão esse não seria o seu e nem o meu campo de atuação. Trata-se de uma atitude política de dizer que a arte não está restrita aos escolhidos, impedindo assim o monopólio da arte, que exclui pessoas e controla os meios de produção do mercado da arte.

Como professor de teatro, jamais poderia crer que a arte pode ser feita apenas por algumas pessoas. Isso seria uma incoerência pedagógica, pois é para isso que existe o ensino das artes: para que mais e mais pessoas tenham contato com essa experiência humana e que também possam produzir suas próprias formas de se expressar, livremente, sem modelos ou padrões dominantes.

Boal, só tenho gratidão pelo seu trabalho. Seu legado é significativo para aquelas e aqueles que veem uma possibilidade de fazer deste mundo um lugar melhor. Sei que isso é uma utopia, mas como Galeano já nos ensinou, a utopia é o horizonte, e quanto mais caminhamos em sua direção, mais ele se afasta, e é para isso que existe a utopia, para nos manter caminhando.

Sua caminhada já chegou ao fim, mas seus passos nos levam longe e, mais ainda, nos motivam a continuar a caminhar.

Seguiremos, e depois de nós, há de existir outros que também seguirão seus passos. Gratidão por tudo!

Um grande abraço,
Fernando Bueno Catelan

BIBLIOGRAFIA

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo**: o método Boal de teatro e terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 2018.

Links

PUCRS ONLINE. **Comer como um ato político | Bela Gil, para PUCRS Online**, 2021. 1 vídeo (5min 08s). Disponível em: <<https://youtu.be/oUAgZEHX7Vg?si=qDC1bqKgr-M6k7p1>>. Acesso em: 27 set. 2023.

Referência cinematográficas e vídeos

INSTITUTO AUGUSTO BOAL. **Augusto Boal no Programa do Jô Soares em junho de 2006**, 2022. 1 vídeo (52min 13s). Disponível em: <<https://youtu.be/KzALlhbK1pk>>. Acesso em: 12 dez. 2022.



TESSERACTUM

Quando o conhecimento nos leva a
lugares (in)imagináveis.

<https://www.instagram.com/tesseractumeditorial/>
<https://www.facebook.com/Tesseractum-Editorial>